



Conclusão do I Sínodo Arquidiocesano é celebrado na Catedral



A conclusão do I Sínodo da Arquidiocese de Juiz de Fora está sendo realizada este mês, com uma Missa especial no dia do Padroeiro Santo Antônio, 13 de junho, na Catedral Metropolitana. Durante a celebração, o senhor Arcebispo, Dom Gil Antônio Moreira, fará a promulgação do Documento Sinodal.

Página 4

Comunidade de São João da Serra realiza visitação da bandeira do Divino Espírito Santo

Página 2

Pe. Elpídio José Barbosa toma posse como novo Ecônomo da Arquidiocese

Página 7

Dom Gil recebe medalha de Honra ao Mérito do Legislativo na Câmara Municipal

Página 2

Santa Rita de Jacutinga recebe Dom Gil no dia da Padroeira

Página 6

Novos Diáconos e novo Sacerdote são ordenados na Catedral Metropolitana

Página 3

Encerramento da peregrinação da imagem de Santo Antônio de Pádua



Imagem peregrina de Santo Antônio
Foto: Leandro Novaes

Página 4

Em Aparecida

Cardeal Dom Raymundo Damasceno é eleito novo Presidente da CNBB

Com ele, foram eleitos o Vice-Presidente, o Secretário Geral e os 12 Bispos Presidentes das Comissões Pastorais da CNBB

Página 5



Catequese do Papa

Leia mensagem do Papa Bento XVI, para a Audiência Geral realizada na Praça São Pedro, no último dia 11 de maio.

Página 5

Editorial

As novidades da Igreja no mês de Santo Antônio

Por Pe. Antônio Camilo de Paiva
Editor Chefe

O mês de junho é singular para nossa Arquidiocese. Celebramos o Padroeiro Santo Antônio, ao qual é dedicada a Catedral, o Seminário, várias Paróquias e inúmeras Comunidades eclesiais que compõem nossa Igreja Particular. Este ano temos um motivo a mais para celebrarmos o mês de junho: o lançamento do Documento final do I Sínodo Arquidiocesano, no dia 13 de junho, às 16h, no Seminário Arquidiocesano Santo Antônio. A este evento acrescentamos o lançamento da Pedra Fundamental da nova Cúria Metropolitana e o jantar de lançamento

do primeiro *Troféu Imprensa da Arquidiocese de Juiz de Fora*, por ocasião do Dia Mundial das Comunicações Sociais.

Em sua catequese, o Santo Padre o Papa Bento XVI medita sobre o modo como a oração e o sentido religioso fazem parte do homem, ao longo de toda a sua história. Dom Gil Antônio, por sua vez, aborda a conclusão solene do Sínodo, as novas Diretrizes da Igreja no Brasil, a CNBB e o cinquentenário de nossa Arquidiocese. Padre Leonardo reflete sobre a santidade à luz do Mistério Pascal de Cristo e o seminarista Carlos Rafael ajuda-nos a pensar a “Memória do

Senhor na refeição e no serviço”.

Neste número você confere: ordenação de dois diáconos transitórios, treze diáconos permanentes e um sacerdote. Ficará por dentro da eleição da nova Presidência da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), da posse do novo Ecônomo da Arquidiocese, da presença de Dom Gil Antônio em Santa Rita de Jacutinga por ocasião da festa da Padroeira e da visita da bandeira do Divino em São João da Serra, distrito de Santos Dumont. Trazemos ainda duas notas, na íntegra, da CNBB: “Moção de Apoio à Frente

Parlamentar Mista em Defesa da Vida-Contra o Aborto” e “Nota da CNBB a respeito da decisão do Supremo Tribunal Federal quanto à união de pessoas do mesmo sexo”, ambas divulgadas em Aparecida, no último dia 11 de maio.

Na última página, depois de falarmos dos Bispos Diocesanos e Arcebispos Metropolitanos de nossa Igreja, falamos agora sobre os Bispos Auxiliares. Você poderá conferir a biografia de Dom Othon Motta, primeiro Bispo Auxiliar de Juiz de Fora.

Boa Leitura!

Medalha Mérito do Legislativo



Entrega da medalha
Foto: Leandro Novaes

No último dia 25 de maio, o Arcebispo Dom Gil Antônio foi agraciado na Câmara Municipal com a medalha de honra ao Mérito do Legislativo, na categoria Direitos Humanos.

A medalha foi criada pelo Vereador Dr. José Laerte Barbosa. Estiveram presentes na solenidade os Padres Elpidio Barbosa, Luis Carlos de Paula, Leonardo Pinheiro, José Custódio e Alexandrino Augusto.

Liturgia

Santos porque inseridos no Mistério Pascal de Cristo

Por Pe. Leonardo José de Souza Pinheiro
Coordenador da Comissão de Liturgia

No último mês de maio, ainda dentro do Tempo Pascal, a Igreja, no mundo e no Brasil, viveu momentos de profunda emoção e vitalidade, vividos e sentidos no contexto de duas celebrações litúrgicas. Refiro-me às celebrações de beatificação do papa João Paulo II, no dia primeiro, e da brasileira Irmã Dulce, no dia 22. Para o povo brasileiro, tais beatificações foram muito especiais, ainda mais levando-se em consideração, seja o amor e respeito sempre dedicados ao primeiro desde sua primeira vinda ao Brasil quando foi e passou a ser aclamado como “João de Deus”, seja pela alegria e orgulho de se ver uma brasileira, oficialmente declarada como exemplo de fé e de vida a ser seguido,

devido à sua dedicação aos pobres e sofredores. Uma vez que a nossa Arquidiocese viveu em comunhão com toda a Igreja tais significativos momentos e agora se prepara para a grande celebração de seu padroeiro Santo Antônio, neste mês refletiremos a temática do culto dos santos no horizonte do Ano Litúrgico.

Tendo o Concílio Vaticano II (SC 102) reafirmado a centralidade da Festa da Páscoa no curso das celebrações do Ano litúrgico, é necessário esclarecer como a Igreja entende e fundamenta as festas e o culto dos santos no decorrer do ano litúrgico, na sua relação com o mistério pascal de Jesus Cristo.

A partir de testemunhos bíblicos e de

documentos dos primeiros séculos, é evidente notar como os primeiros cristãos sempre tiveram um grande respeito e atenção em sepultar aqueles que foram considerados heróis da fé e como estabeleciam também uma espécie de culto local em relação aos mesmos, como se pode ver seja no episódio do proto-mártir Estevão - “Alguns homens piedosos sepultaram Estevão, fazendo grandes lamentações por ele” (At 8,2) - seja na narração do martírio de Policarpo, bispo de Esmirna, ocorrido na metade do segundo século, onde se vê a veneração dos fiéis pelos restos mortais de seu bispo, a prática de reunirem-se ao redor de seu túmulo para celebrar sua memória e buscar forças para,

eventualmente, enfrentar iguais situações de perseguição.

Tal culto, que inicialmente era restrito aos mártires, foi, mais tarde, com o término do período das perseguições, estendendo-se também àqueles que foram considerados testemunhas ilustres da fé, como foi, por exemplo, o caso de São Martinho de Tours (†397), um dos primeiros santos não mártires venerados na liturgia e tantos outros, homens e mulheres que manifestaram, no decorrer dos séculos, através do seu modo de acreditar e viver, a Páscoa de Jesus Cristo. Por isso é que estes são apresentados à comunidade cristã como pessoas que souberam viver plenamente o mistério pascal de Jesus e por isso são

modelos de vida cristã e válidos intercessores do povo junto a Deus (SC 104). Assim aconteceu com Antônio, nosso padroeiro, Madre Teresa de Calcutá, João Paulo II, Irmã Dulce e tantos outros santos de nossa devoção. Assim também deve acontecer com cada um de nós, também chamados à santidade pelo batismo, como nos exortou o papa Bento XVI na sua homilia, durante a celebração eucarística de beatificação de seu predecessor: “Os membros do Povo de Deus - bispos, sacerdotes, diáconos, fiéis leigos, religiosos e religiosas - todos nós estamos a caminho da Pátria celeste, tendo-nos precedido a Virgem Maria, associada de modo singular e perfeito ao mistério de Cristo e da Igreja”.

Expediente

Diretor Fundador: Dom Gil Antônio Moreira - Arcebispo Metropolitano de Juiz de Fora

Editor Chefe: Pe. Antônio Camilo de Paiva

Jornalista Responsável: Leandro Novaes MTB 14.078

Revisores: Pe. João Justino Medeiros e Pe. Antônio Pereira Gaio

Conselho Editorial: Pe. Alessandro de Melo / Pe. Elílio de Faria M. Júnior / Pe. João Francisco Batista da Silva

Impressão: FUMARC - (31) 3249-7400 - www.fumarc.com.br

Tiragem: 15.000 exemplares

Redação: Rua Henrique Suerus, 30 - Centro - Juiz de Fora - MG, CEP: 36010-030

Tel.: (32) 3229 - 5450. **Home Page:** www.arquidiocesejuizdefora.org.br

ERRATA

Na última edição, publicamos o nome das Paróquias Nossa Senhora de Fátima, dos bairros Barbosa Lage e Santa Cruz, como Nossa Senhora Aparecida. Nossas sinceras desculpas às duas comunidades. Gostaríamos de ressaltar, ainda, que a coordenação da Casa de Passagem Bethânia não é exclusiva do Movimento Focolares, sendo também constituída por pessoas de outros movimentos religiosos.

Palavra do Pastor

Sínodo, Diretrizes, CNBB, Cinquentenário, Nova Cúria

Por Dom Gil Antônio Moreira
Arcebispo Metropolitano de Juiz de Fora



A Arquidiocese de Juiz de Fora concluiu solenemente seu Sínodo dia 13 de junho, festa do Padroeiro Santo Antônio, depois de um longo caminho percorrido durante mais de um ano. As conclusões são publicadas no Documento Sinodal que se torna orientador para nova fase da Igreja juizforana a partir de agora. São frutos de muita reflexão, sadias discussões nas bases eclesiais e nas esferas das coordenações, leigos(as), diáconos, religiosos(as) e presbíteros, realizadas à luz da Palavra de Deus e do Magistério da Igreja, na busca sincera de

novos métodos e novo ardor missionário. Os jovens tiveram papel especial nesta caminhada de fé.

Temos agora o resultado nas mãos. Ao redor do tema, *Arquidiocese de Juiz de Fora: uma Igreja sempre em missão*, centenas de grupos em incontáveis reuniões, foram delineando pistas de ação, iluminados pelo espírito orante e pelo o senso de eclesialidade.

O lema, *Fazei Discípulos Meus*, é um convite que não permanece nos limites temporários do ano sinodal, mas projeta as conclusões que partem deste ponto para frente. O Sínodo não existe para o tempo de sua realização, mas para o futuro onde se aplicarão as suas conclusões. Tudo começa a partir do momento em que se torna conhecido o texto conclusivo.

O Documento Sinodal se caracteriza pela sua

abertura a outros documentos pastorais. Olhando para o passado recente, ele está permeado de indicações dos textos ultimamente publicados pela Igreja, aprovados pelo Sucessor de Pedro, sobretudo o Documento de Aparecida (2007), e apresenta abertura às orientações das novas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil - 2011-2015, efetivadas na última Assembléia Geral da CNBB, realizada de 4 a 14 de maio passado.

Na verdade, o mesmo espírito que norteia tais textos, também conduz o nosso Documento Sinodal. As atuais Diretrizes Gerais, aprovadas pela CNBB, têm como tema *Jesus Cristo, Caminho, Verdade e Vida* (Jo.14,6) destacando a ação missionária como objetivo principal de toda a ação da Igreja, em busca da propagação do amor de Cristo e da santificação de

cada pessoa.

Ao iniciarmos nova fase da ação evangelizadora na Igreja particular de Juiz de Fora, após a realização de seu Sínodo, nos congratulamos com a nova direção da CNBB, eleita na última Assembléia Geral, convocada pelo Espírito Santo para coordenar, de forma fraterna e partilhada, a ação evangelizadora no Brasil. Num clima de serena fraternidade, foram escolhidos pelos Bispos, os Pastores que comporão a Presidência e as 12 comissões de pastoral, sob coordenação geral do novo Presidente, Cardeal Dom Raymundo Damasceno Assis.

Também se une à fase da aplicação das decisões do Sínodo por nós aprovadas, as celebrações do cinquentenário da elevação da Diocese de Juiz de Fora à condição de Arquidiocese, ou seja, de sede de Província Eclesiástica constituí-

da pelas Dioceses sufragâneas de Leopoldina e São João Del Rei, fato acontecido a 12 de abril de 1962, através da bula pontifícia *Qui Tanquam Petrus* do Papa João XXIII. As comemorações terão lugar a partir da solenidade de *Corpus Christi* do corrente ano até a mesma festa em 2012.

Ao ensejo da conclusão do Sínodo e do lançamento do Documento Sinodal, temos a satisfação de benzer, também no dia 13 de junho, a pedra fundamental da nova Cúria cujos serviços de construção já estão iniciados, agradecendo a Deus por mais esta dádiva a seu povo.

Novos tempos, novos ânimos, novos desafios! Sobre todas as coisas está a bênção de Deus, a quem servimos, no espírito alegre de construirmos juntos o Reino de Cristo de justiça, amor e paz, em vista do Reino definitivo para o qual todos fomos criados.

Dom Gil preside ordenação de novos Diáconos e novo Sacerdote



Diácono Fabrício, Pe. João Paulo e Diácono Éder
Foto: Leandro Novaes

No último dia 14 de maio, sábado, o Arcebispo Dom Gil Antônio Moreira recebeu cerca de 1.500 fiéis na Catedral Metropolitana de Juiz de Fora para uma celebração muito especial: a ordenação dos Diáconos Fabrício Francisco de Oliveira e Éder Luiz Pereira e do novo Sacerdote João Paulo Dias. Vários Padres da Arquidiocese e também de outras Dioceses con-

celebraram com Dom Gil.

No testemunho em que solicitava a ordenação dos novos Diáconos e do novo Sacerdote, o Reitor do Seminário Santo Antônio, Pe. João Justino de Medeiros Silva, proferiu palavras positivas sobre cada um. "Éder aprendeu a amar e a servir a liturgia. As comunidades o veem de forma positiva diante de sua

fé e vocação"; "Fabrício possui um caminho marcado pelo discernimento. Ele tem se aperfeiçoado nos serviços da Igreja". "João Paulo tem consciência de que está se entregando definitivamente ao Senhor".

O lema escolhido pelos ordinandos para a celebração foi "Ninguém tira a minha vida; eu a dou livremente", (Jo, 10, 18). A escolha foi bastante elogiada pelo Arcebispo, que lembrou a entrega de Jesus, o Bom Pastor, à Igreja, à oração e à cruz. Ressaltou ainda que a ordenação ocorreu num momento de suma importância para a Igreja particular de Juiz de Fora, que se encontra na fase de conclusão do I Sínodo Arquidiocesano.

Os Diáconos Fabrício Francisco de Oliveira e Éder Luiz Pereira

irão atuar, respectivamente, nas Paróquias Nossa Senhora de Lourdes (Juiz de Fora) e Nossa Senhora das Mercês (Mar de Espanha - MG). O Pe. João Paulo será o novo Vigário Paroquial de São Miguel e Almas (Santos Dumont - MG). Já no dia 29 de maio, às 15h, em cerimônia que superlotou literalmente toda a Catedral, o senhor Arcebispo ordenou mais 13 Diáconos per-

manentes, cujos nomes são: Adelmo Resende de Carvalho, Alcino Lima Guedes, Carlos Henrique Rodrigues, Jorge Luis Lopes dos Santos, Jorge Marques Moreira, José Getúlio de Sá Cavalcante, Márcio Ramos de Castro, Nelson Heleno Colares, Nivaldo Dias Ferreira, Paulo Roberto Faria, Pedro Bioza de Almeida, Sebastião Dimas Alves e Waldecir Rodrigues da Silva.



Momento da ordenação dos Diáconos permanentes
Foto: Érica Duque

Conclusão do I Sínodo Arquidiocesano

A conclusão do I Sínodo da Arquidiocese de Juiz de Fora aconteceu no dia 13 de junho de 2011, dia do Padroeiro Santo Antônio, na Catedral Metropolitana. Durante a celebração, o senhor Arcebispo, Dom Gil Antônio Moreira, faz a promulgação do Documento Sinodal, cujo texto provisório foi composto, a partir das sugestões das bases, pelos Padres Antônio Pereira Gaio, Geraldo Dondici Vieira, Geraldo Luiz Alves, João Justino de Medeiros, Luiz Carlos de Paula, Sérgio Henrique Rodrigues, FAM, o casal Geraldo e Andréa Braga, além da irmã Marina de Oliveira Magalhães.

Com o tema “Arquidiocese de Juiz de Fora: uma Igreja sempre em missão” e o lema “*Fazei discípulos meus*” (Mt 28,19), a abertura do sínodo aconteceu em 13 de dezembro de 2009, no Domingo da Evangelização. Presidida por Dom Gil Antônio, a cerimônia contou com a presença de todo o clero da Arquidiocese, além de lideranças leigas e comunidades. O sínodo foi um acontecimento de toda a Igreja particular de Juiz de Fora; portanto, todo o Povo de Deus foi convidado a participar da fase de construção do sínodo. Já nas Sessões Si-

nodais, quem participou mais efetivamente foram os Missionários Sinodais (vigários gerais, membros do Conselho Presbiteral, párocos, administradores paroquiais, vigários forâneos, membros do Conselho Arquidiocesano de Pastoral, representantes dos diáconos permanentes, dos religiosos e das religiosas, dos seminaristas, leigos e leigas e, em especial, dos jovens). A eles, foi incumbida a tarefa de compreender o que é o sínodo e qual a sua dinâmica. Os Missionários Sinodais fizeram visitas a todas as forças vivas da Igreja de Juiz de Fora, testemunhando e relatando tudo o que foi encontrado.

O Sínodo foi dividido em quatro fases. A primeira foi uma preparação espiritual, catequética e informativa. Já a segunda fase constituiu-se de ampla consulta às bases, quando os Missionários Sinodais realizaram as visitas nas Paróquias, Comunidades e em todos os lugares onde a Igreja se faz presente (escolas e faculdades católicas, hospitais, obras assistenciais ligadas à Igreja, etc.). A terceira fase foi marcada pelas Sessões Sinodais, encontros dos missionários com o Arcebispo,

destinados ao estudo e aprofundamento sobre a situação da Igreja de Juiz de Fora e os desafios para o seu futuro. A quarta e



última fase foi a preparação do Documento Sinodal, que está sendo promulgado.

O Sínodo Arquidiocesano possui alguns objetivos centrais, dentre eles: “Fomentar a adesão a Jesus Cristo e à sua Igreja; estimular todos os fiéis ao seguimento de

“O Sínodo está sendo um verdadeiro tempo de graça para toda a Arquidiocese de Juiz de Fora”

Jesus Cristo; despertar para o conhecimento e a beleza da doutrina cristã; aumentar a comunhão entre todos os membros da Igreja; dar novo vigor apostólico aos ministros ordenados e não-ordenados; e, finalmente, oferecer diretrizes pastorais para a missão evangelizadora da Igreja de Juiz de Fora”.

Algumas pessoas, que participaram mais intimamente desta grande realização, fazem uma avaliação bastante positiva de todo o trabalho. Para o secretário geral do sínodo, Pe. Luiz Carlos de Paula, “o sínodo está sendo um verdadeiro tempo de graça para toda a Arquidiocese de Juiz de Fora e para cada um de nós. Foi, na verdade, uma bela inspiração do nosso Arcebispo Dom Gil Antônio Moreira. Iniciamos contemplando tudo o que existe em nossas paróquias, com suas comunidades, em nossas pastorais, movimentos, associações, grupos de serviço e estruturas de Igreja. O tema nos fez resgatar a nossa história, percebendo as conquistas e também as falhas acontecidas no passado”. De acordo com o assessor litúrgico do sínodo,

Pe. Tarcísio Monay, o evento reacendeu a força da graça de Deus que atua em cada um de nós. A celebração do sínodo possibilitou reavivar em nós a chama da alegria de pertencer à Igreja, que é de Jesus Cristo.

Há ainda algumas questões que serão respondidas pelo Sínodo. Elas foram formuladas pelo Arcebispo Dom Gil: “O que de bom já foi realizado em nossa Igreja Particular, desde sua criação há 86 anos? Queremos agradecer e confirmar. O que precisa ser atualizado, modificado, ampliado, celebrado? Quais passos novos devemos dar em vista de levar nossa Igreja Particular a um trabalho de conjunto mais evidente, onde a fraternidade, a intercolaboração, a alegria de viver como irmãos e discípulos de Jesus sejam mais explícitos? Quais passos novos devemos dar corajosamente para que nossa Igreja seja mais missionária realidade urbana de Juiz de Fora com suas características de pluralidade? O que fazer para despertar em nossos padres, diáconos, religiosos e religiosas, leigos e leigas, o ardor missionário capaz de ir para longe a levar o anúncio de Jesus Cristo?”

Encerramento da peregrinação da imagem de Santo Antônio

Por Pe. Laureandro Lima da Silva

A Imagem Peregrina de Santo Antônio percorreu as oitenta e quatro Paróquias da Arquidiocese de Juiz de Fora. Milhares de pessoas reuniram-se para pedir a intercessão de Santo Antônio pelo I Sínodo Arquidiocesano.

No dia 22 de novembro do ano passado a imagem do Padroeiro da Arquidiocese iniciou as visitas. Foram sete meses percorrendo as comunidades e motivando o aprofundamento na Palavra de Deus.

Dom Gil Antônio Moreira sugeriu a visita da

imagem com o objetivo de marcar a caminhada sinodal. A visita proporcionou uma motivação especial nas celebrações deste ano em que ocorreu o I Sínodo celebrado em nossa Arquidiocese.

Durante a peregrinação da imagem, os fiéis tiveram a oportunidade de conhecer a vida e a obra de Santo Antônio, refletindo sobre o discipulado, a missão, a vida e a comunhão, os quatro eixos que conduziram os trabalhos sinodais.

O povo da Arquidiocese acolheu carinho-

samente a santa imagem do Padroeiro, manifestando um grande gesto de comunhão com a Igreja na celebração deste grande projeto Arquidiocesano.

Santo Antônio nasceu no final do século XII em Lisboa. Fez-se frade da Ordem dos Cônegos Regulares de Santo Agostinho. Após sua ordenação, transferiu-se para o Ordem dos Frades Menores, tornando-se então franciscano com o desejo de dedicar-se à pregação da fé entre os povos da África. Entretanto, foi na França e na Itália que seu ministé-

rio produziu mais frutos. Foi professor na sua Ordem, escreveu vários *Sermões* marcados pela preocupação doutrinal e por uma profunda inspiração espiritual.

Num de seus *Sermões*, fala que a Palavra é viva quando são as obras que falam. Em outras palavras, quis o Santo dizer que aquele que está cheio do Espírito Santo fala várias línguas. Quais são essas línguas? Para Santo Antônio são os vários testemunhos sobre Cristo: humildade, pobreza, paciência, obediência.

Grande procissão

A Arquidiocese de Juiz de Fora convida para a grande procissão com a Imagem de Santo Antônio de Pádua no dia 13 de junho, às 18 horas, saindo do Seminário Arquidiocesano Santo Antônio (Avenida Rio Branco, 4516) até a Catedral Metropolitana onde acontecerá a Celebração Eucarística de conclusão do Sínodo e promulgação do Documento Sinodal.



Catequese do Papa A Oração nos mantém em contato com Deus

Apresentamos partes da mensagem do Papa Bento XVI para o Audiência Geral realizada na Praça São Pedro.

Queridos irmãos e irmãs,

Vivemos numa época em que são evidentes os sinais do secularismo. Deus parece ter desaparecido do horizonte de várias pessoas ou ter-se tornado uma realidade diante da qual o homem permanece indiferente. Mas, vemos ao mesmo tempo muitos sinais que nos indicam um despertar do sentido religioso, uma redescoberta da importância de Deus para a vida do homem, uma exigência de espiritualidade, de superar uma visão puramente horizontal, material da vida humana. Olhando para a história recente, malogrou a previsão de quem, desde a época do Iluminismo, prenunciava o desaparecimento das religiões e exaltava uma razão absoluta, separada da fé, uma razão que teria esmagado as trevas dos dogmatismos religiosos e dissolvido o mundo do sagrado, restituindo ao homem a sua liberdade, a sua dignidade e a sua autonomia de Deus. A experiência do século passado, com as duas trágicas guerras mundiais, pôs em crise aquele progresso que a razão autônoma, o homem sem Deus parecia poder garantir. [...]

O homem é religioso por sua natureza, é *homo religiosus* como é *homo sapiens* e *homo faber*. O desejo de Deus – afirma ainda o Catecismo – está inscrito no coração do homem, porque ele foi criado por Deus e para Deus. A imagem do Criador está impressa no seu ser, e ele sente a necessidade de encontrar uma luz para dar uma resposta às interrogações que dizem respeito ao sentido profundo da realidade; resposta que ele não pode encontrar em si mesmo, no progresso, na ciência empírica. O *homo religiosus* não emerge só dos mundos antigos, mas atravessa toda a história da humanidade. A este propósito, o rico terreno da experiência humana viu surgir diversificadas formas de religiosidade, na tentativa de responder ao desejo de plenitude e de felicidade, à necessidade de salvação, à busca de sentido. O homem digital, como o das cavernas, procura na

experiência religiosa os caminhos para superar a sua finitude e para assegurar a sua precária aventura terrena. De resto, a vida sem um horizonte transcendente não teria um sentido completo, e a felicidade, para a qual todos nós tendemos, está projetada espontaneamente para o futuro, para um amanhã que ainda se deve realizar. O Concílio Vaticano II, na Declaração *Nostra aetate*, sublinhou-o sinteticamente: “Os homens esperam das diversas religiões uma resposta aos mais árduos problemas da condição humana que, hoje como outrora, continuam a perturbar profundamente os seus corações: o que é o homem (quem sou eu)? Qual o sentido e o fim da nossa vida, o que é o bem e o que é o pecado, qual é a origem e a finalidade do sofrimento, qual é o caminho para se obter a verdadeira felicidade, o que é a morte, o julgamento e a recompensa que se lhe hão de seguir, e qual é, finalmente, aquele derradeiro e inefável mistério que envolve a nossa existência: donde partimos e para onde vamos?”. O homem sabe que não pode responder sozinho à sua necessidade fundamental de compreender. Por mais que se tenha iludido e que ainda se iluda que é auto-suficiente, contudo ele faz a experiência de que não é suficiente a si mesmo. Tem necessidade de se abrir ao outro, a algo ou a alguém que possa doar-lhe quanto lhe falta, deve sair de si mesmo rumo Àquele que é capaz de satisfazer a amplitude e a profundidade do seu desejo.

O homem tem em si uma sede de infinito, uma saudade de eternidade, uma busca de beleza, um desejo de amor, uma necessidade de luz e de verdade, que o impelem rumo ao Absoluto; o homem tem em si o desejo de Deus. E o homem sabe, de qualquer modo, que pode dirigir-se a Deus, sabe que lhe pode rezar. São Tomás de Aquino, um dos maiores teólogos da história, define a oração “expressão do desejo que o homem tem de Deus”. Esta atração por Deus, que Ele próprio colocou no homem, é a alma da oração, que de-

pois se reveste de muitas formas e modalidades, segundo a história, o tempo, o momento, a graça e até o pecado de cada orante. A história do homem conheceu várias formas de oração, porque ele desenvolveu diversas modalidades de abertura ao Outro e ao Além, a tal ponto que podemos reconhecer a oração como uma experiência presente em cada religião e cultura.

Com efeito, a oração não está ligada a um contexto particular, mas encontra-se inscrita no coração de cada pessoa e de cada civilização. Naturalmente, quando falamos da oração como experiência do homem enquanto tal, do *homo orans*, é necessário ter presente que ela é uma atitude interior, e não só uma série de práticas e fórmulas, um modo de ser diante de Deus, e não só o cumprir gestos de culto ou o pronunciar palavras. A oração tem o seu centro e afunda as suas raízes no mais profundo da pessoa;

por isso não é facilmente decifrável e, pelo mesmo motivo, pode estar sujeita a mal-entendidos e a mistificações. Também neste sentido podemos entender a expressão: rezar é difícil. A oração é o lugar por excelência da gratuidade, da tensão para o Invisível, o Inesperado e o Inefável. Por isso, a experiência da oração é para todos um desafio, uma graça a invocar, um dom d'Aquele ao qual nos dirigimos.

Na oração, em cada época a história, o homem considera-se a si mesmo e a sua situação diante de Deus, a partir de Deus e em vista de Deus, e experimenta que é criatura carente de ajuda, incapaz de alcançar sozinho o cumprimento da própria existência e da própria esperança. O filósofo Ludwig Wittgenstein recordava que “rezar significa sentir que o sentido do mundo está fora do mundo”. Na dinâmica desta relação com quem dá sentido à existência, com Deus, a oração tem uma das

suas expressões típicas no gesto de se pôr de joelhos. É um gesto que contém em si uma ambivalência radical: com efeito, posso ser obrigado a pôr-me de joelhos – condição de indignidade e de escravidão – mas posso também inclinar-me espontaneamente, declarando o meu limite e, portanto, o fato de que tenho necessidade de Outro. A Ele declaro que sou frágil, necessitado, “pecador”. Na experiência da oração, a criatura humana exprime toda a consciência de si, tudo o que consegue captar da própria existência e, ao mesmo tempo, dirige-se inteiramente para o Ser diante do qual se encontra, orienta a própria alma para aquele Mistério do qual espera o cumprimento dos desejos mais profundos e a ajuda para superar a indignidade da própria vida. Neste olhar para o Outro, neste dirigir-se “para além” está a essência da oração, como experiência de uma realidade que supera o sensível e o contingente.

Benedictus PP. XVI

Quarta-feira, 11 de maio de 2011

Dom Raymundo Damasceno é eleito Presidente da CNBB



Dom José Belisário, Dom Raymundo Damasceno e Dom Leonardo Steiner. Foto: Divulgação

No último dia 10 de maio, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) elegeu a nova presidência, que irá dirigir a entidade nos próximos quatro anos. O novo presidente, Cardeal Dom Raymundo Damasceno Assis, foi eleito com 196 votos. Atual Arcebispo de Aparecida, Dom Raymundo trabalhou durante dois mandatos como Secretário Geral. A eleição foi realizada durante a 49ª Assembleia Geral da CNBB, que, pela terceira vez, aconteceu na cidade de Aparecida. O Arcebispo de Juiz de Fora,

Dom Gil Antônio Moreira, participou do momento junto a outros Pastores de 246 Dioceses de todo o Brasil.

Para o cargo de vice-presidente, foi eleito, com 215 votos, Dom José Belisário da Silva, Arcebispo de São Luís (MA). Na Assembleia em Aparecida, Dom Belisário presidiu a Comissão das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil. O Bispo da Prelazia de São Félix (MT), Dom Leonardo Ulrich Steiner, também foi escolhido para integrar a nova presidência, sendo eleito para o cargo de Secretário Geral, com o

total de 202 votos.

Três dias após as eleições, o novo Presidente da CNBB celebrou a Missa no Santuário Nacional, ao lado de seus outros dois irmãos eleitos e dos novos Presidentes das 12 Comissões Pastorais da CNBB, que também foram eleitos durante a Assembleia Geral. Após a celebração, a nova presidência tomou posse dos seus respectivos cargos no Centro de Eventos Pe. Vitor Coelho, localizado no pátio do Santuário. Na solenidade, Dom Raymundo agradeceu a oportunidade de “continuar a servir a Igreja. Vemos essas escolhas sempre como a vontade de Deus que nos confiou esta responsabilidade. Agradeço também a todos que depositaram em nós essa confiança. Sabemos que não estamos sozinhos, portanto, a responsabilidade é de todos, determinada pelo estatuto e regimento de nossa Conferência”.

Coluna Bíblico-catequética

Memória do Senhor na refeição e no serviço

Por Carlos Rafael Pinto
Seminarista do 4º ano de Teologia

Passado o tempo pascal e a festa de Pentecostes, a Igreja celebra, na quinta-feira após a festa da Santíssima Trindade, a solenidade de *Corpus Christi*. Instituída no século XIII, esta festa nos atrai pela beleza do culto à Eucaristia e nos recorda que a memória do Senhor se faz pelo sacrifício, refeição eucarística e serviço. Na última ceia, “na noite em que ia ser entregue” (1Cor 11,23), Jesus, junto aos seus apóstolos, celebrou a ceia pascal deixando-nos o memorial de seu Corpo e Sangue. Assu-

mando plenamente a sua humanidade, ele mergulharia na noite da morte e do silêncio.

Jesus quis, então, permanecer entre nós de modo diferente, presença viva e vivificante, de modo sacramental. Para isso, Ele escolheu a forma convivial da ceia (cf. 1Cor 11,23-26; Mt 26,26-29; Mc 14,22-25; Lc 22,15-20). É em comunidade que a Igreja sempre celebra a Eucaristia, fiel ao mandamento do Senhor - “Fazei isto em minha memória” (1Cor 11,24; Lc 22,19) -, sobretudo no domingo, dia da Ressurreição de

Jesus.

Os elementos essenciais do Sacramento da Eucaristia são o pão de trigo e o vinho de uva, por meio dos quais, segundo São Cirilo de Jerusalém em sua catequese mistagógica, com toda certeza, recebemos o Corpo e Sangue de Jesus. Isto é, “em forma de pão nos é dado o corpo, e em forma de vinho o sangue, para que nos tornemos, tomando o corpo e o sangue de Cristo, concorpóreos e consanguíneos com Cristo. Assim nos tornamos portadores de Cristo (cristóforos), sendo nos-

so membros penetrados por seu corpo e sangue”. Desse modo, participamos intimamente da Eucaristia a partir do mandato do Senhor, que não se limita a realizar a Eucaristia sobre o Altar, porém inclui também fazer o mesmo que Jesus. Cabe recordar a perícopa do lava-pés no Evangelho de João (cf. Jo 13, 1-15), na qual Jesus se coloca como escravo. A saber, ele tira o manto de Senhor, de Mestre, de Rabi, e amarra à cintura uma toalha de escravo. Depois, ajoelha-se diante de cada um dos discípulos e lava-

lhes os pés.

Mais ainda, o apóstolo Paulo em sua carta à comunidade de Corinto (cf. 1Cor 11,20) adverte-nos que onde não há justiça e fraternidade, não há realmente a celebração da Ceia do Senhor. Urge, pois, perguntar-nos: como nos empenhamos na promoção da justiça, preferencialmente em favor dos pobres (cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1397)? Que significa para a vida pessoal e comunitária a fraternidade? Que prática pessoal e pastoral decorre da Ceia do Senhor?

Santa Rita de Jacutinga recebe Dom Gil no dia da Padroeira



Foto: Leandro Novaes

No último dia 22 de maio, domingo, o Arcebispo de Juiz de Fora, Dom Gil Antônio, presidiu duas celebrações na Paróquia Santa Rita de Cássia, no município de Santa Rita de Jacutinga - MG. A cidade estava em festa, comemorando o dia da Padroeira. A primeira Missa foi às 11h, marcada pela presença de centenas de fiéis. Durante a homilia, Dom Gil ressaltou a beatificação de Irmã Dulce, que iria acontecer ao final da tarde, em Salvador - BA. Também falou das preli-

minares do processo de beatificação do Monsenhor Marciano Bernardes da Fonseca, Sacerdote da Arquidiocese que viveu na cidade no final do século XIX. Concelebraram com ele o pároco Pe. Eder Martins Machado e o Pe. Luciano Atanázio, pároco de São Pedro Apóstolo, em Pequeri - MG.

Após o almoço, o Arcebispo aproveitou para acompanhar o desfile cívico das escolas municipais e depois visitou a Capela de Nossa Senhora Aparecida do Monte Calvário, inaugurada pelo Monsenhor Marciano, em 28 de julho de 1912 e reformada em 2003, com a colaboração dos devotos de Santa Rita de Jacutinga e cidades vizinhas. Na época, o pároco era o Pe. Tadeu Jesus Vieira, e o Arcebispo Dom Eurico dos Santos Veloso. Chegando ao local, Dom Gil notara que não havia levado consigo a cópia da

chave da Capela. E o zelador também não estava presente. Entretanto, o Pastor decidiu fazer suas orações assim mesmo, quando fez um sincero pedido a Deus: “Se for de vossa vontade que o processo de beatificação do Monsenhor Marciano seja bem sucedido, dê-me um sinal e faça com que esta porta se abra”. Em seguida, Dom Gil pediu uma chave qualquer emprestada, e o motorista que o acompanhara entregou-lhe a chave de sua casa. Para surpresa dos dois, a porta foi aberta com aquela chave. O fato, considerado pelo Arcebispo como um verdadeiro milagre, também foi testemunhado pelo jornalista da Folha Missionária, Leandro Novaes.

Retornando ao centro da cidade, Dom Gil também visitou a antiga residência do Monsenhor Marciano, onde

atualmente funciona a Câmara Municipal. A edificação foi construída no ano de 1876. Nesta visita, Dom Gil foi acompanhado pelo Presidente da Câmara, Adriano de Paula, pelo Pe. Eder Martins Machado, pelo Seminarista Humberto Abreu Jardim e o jovem paroquiano pré-seminarista Rafael. Todos indagavam, durante a visita, sobre qual cômodo da casa seria o quarto do Monsenhor e chegaram a uma suposta conclusão de que seria ao lado da sala de jantar, com uma janela de frente para a Capela no alto do morro.

Em seguida, Dom Gil também visitou a Santa Casa. Abençoou os doentes e aproveitou para assistir, junto a eles, parte da transmissão do Rito de Beatificação da Irmã Dulce. Ainda na Santa Casa, Pe. Eder acompanhou o Arcebispo até a Capela, onde se encon-

tram alguns pertences do Monsenhor Marciano e o levou para apreciar a árvore plantada pelo Padrinho Vigário em 1936, que continua frondosa.

Às 18h30, foi celebrada a segunda Missa. Mais uma vez, com a igreja lotada. O momento foi marcado por muita emoção e devoção à Padroeira, com atenção especial para as comemorações do cinquentenário da Pia União de Santa Rita, fundada em 1961 com aproximadamente 35 membros. Atualmente, conta com mais de 500 associados. Dom Gil contou a todos sobre as visitas realizadas no período da tarde e mostrou-se muito satisfeito com a receptividade que obteve da comunidade. Ao final da celebração, várias crianças coroaram a imagem de Santa Rita de Cássia e seguiram em procissão pelas ruas da cidade.

Moção de Apoio à Frente Parlamentar Mista em Defesa da Vida-Contra o Aborto

Nós, Bispos Católicos do Brasil, reunidos na 49ª Assembléia Geral da CNBB, de 4 a 13 de maio, em Aparecida (SP), não poderíamos deixar de manifestar nosso elogio e apoio à Frente Parlamentar mista-contra o aborto, pelo exemplar testemunho humanitário em favor da natalidade da pessoa humana, cuja

dignidade é inviolável.

Todo trabalho que vem sendo feito pela denominada Frente Parlamentar, composta por políticos brasileiros de diversos credos e vários partidos, é digno da nossa admiração e incentivo.

Na grande luta em defesa da vida, apoiamos integralmente o Projeto do Estatuto do Nascituro

e a proposta de emenda à Constituição Federal (PEC), que implica a introdução no artigo 5º da seguinte frase: a inviolabilidade da vida desde a fecundação.

Reconhecemos o valor e os objetivos dos diversos projetos do governo a favor da vida no período da gestação e da primeira infância, desde que a criança seja respei-

tada a partir da fecundação, e esperamos que seus resultados sejam tão expressivos quanto aos que são obtidos pelo trabalho desenvolvido, há anos, pela Pastoral da Criança no Brasil e no exterior.

Juntos, unidos num só coração, esforcemo-nos pela conquista de um Brasil sem aborto sob a proteção de Ma-

ria que deu seu Sim à vida.

Aparecida, 11 de maio de 2011

Dom Geraldo Lyrio Rocha
Presidente da CNBB

Dom Luiz Soares Vieira
Vice-Presidente da CNBB

Dom Dimas Lara Barbosa
Secretário Geral da CNBB

Comunidade de São João da Serra realiza visita da bandeira do Divino Espírito Santo

Durante todo o mês de maio, em São João da Serra (distrito de Santos Dumont - MG), aconteceu a visita da bandeira do Divino Espírito Santo nas casas da comunidade. O momento acontece anualmente e é organizado pela Coordenadora do Conselho Pastoral Paroquial (CPP), Margarete Marques dos Santos, da Paróquia São João Batista.

No último dia 19 de maio, quinta-feira, o jornalista da Folha Missionária, Leandro Novaes, esteve presente para acompanhar a visita. Diariamente, os moradores receberam em suas casas um grupo de oito pessoas, que levam a bandeira e celebram o Espírito Santo com cantos e muita alegria. Além do grupo, pessoas de toda a comunidade participaram das orações.

Para Margarete,

o tempo da visita da bandeira é um momento muito especial para toda a comunidade: "As famílias prestam muita atenção na reza, participam. Muitas vezes, após a visita, as pessoas se tornam dizimistas e passam a participar mais assiduamente das atividades da Igreja. Então, podemos dizer que a presença de Deus, sobretudo neste momento, é muito forte aqui na comunidade", afirma a Coordenadora do CPP.

A visita acontece na comunidade há 10 anos, tendo início ainda sob o pastoreio do Arcebispo Emérito de Juiz de Fora, Dom Eurico dos Santos Veloso. O encerramento ocorre no próximo dia 11 de junho, véspera da celebração de Pentecostes. Ao final deste período, cerca de 200 casas terão recebido a visita da bandeira do Divino Espírito Santo.

Irmã Dulce é beatificada em Salvador

O Rito de beatificação de Irmã Dulce aconteceu no último dia 22 de maio, domingo, em Salvador - BA. Agora, a "Mãe dos pobres" e "Anjo Bom da Bahia" passa a ser chamada de "Bem-aventurada Dulce dos pobres". O Arcebispo Emérito de Salvador e Primaz do Brasil, Cardeal Dom Geraldo Majella, fez a leitura da carta apostólica do Papa Bento XVI, inscrevendo Irmã Dulce na lista dos santos e beatos da Igreja Católica. Na oportunidade, foi anunciada também a data de celebração da sua festa litúrgica: 13 de agosto.

No início da cerimônia, o Núncio Apostólico do Brasil, Dom Lorenzo Baldisseri, cumprimentou o prefeito de Salvador, João Henrique e o senador José Sarney, autoridades que se fizeram presentes. A missa de abertura foi presidida pelo Cardeal Dom Geraldo Majella Agnelo.

Para ser considerada beata, a Santa Sé reconheceu judicialmente diversos documentos sobre a autenticidade do milagre atribuído a Irmã Dulce, em junho de 2003. Em abril de

2009, a religiosa foi considerada venerável pela biografia, isto é, teve uma vida de santidade.

O processo de beatificação de Irmã Dulce começou em 17 de janeiro de 2000. No ano seguinte foi anunciado o milagre e, em 2002, o processo foi levado para análise do Vaticano.

A presidente da República, Dilma Rousseff, acompanhou a solenidade ao lado do governador da Bahia, Jaques Wagner e da primeira-dama do estado, Fátima Mendonça. Outras autoridades também estiveram presentes.

Em pronunciamento realizado no Vaticano, o Papa Bento XVI afirmou que estava junto aos brasileiros na alegria pela beatificação de Irmã Dulce. "Ao saudar os peregrinos de língua portuguesa, desejo também associar-me à alegria dos Pastores e fiéis congregados em Salvador, na Bahia, para a beatificação da Irmã Dulce Lopes Pontes, que deixou atrás de si um prodigioso rastro de caridade, a serviço dos últimos, levando o Brasil inteiro a venerar os desamparados", disse o Santo Padre, em português.

Pe. Elpídio toma posse como Ecônomo da Arquidiocese



Solenidade de posse
Foto: Leandro Novaes

Foi realizada na tarde do último dia 23 de maio a posse do Pe. Elpídio José Barbosa como novo ecônomo da Arquidiocese de Juiz de Fora. A solenidade foi presidida pelo senhor Arcebispo, Dom Gil Antônio, com a presença do Monsenhor Miguel Fabbella, Monsenhor Antônio Vianna, Pe. Geraldo Luiz Alves, Pe. Luis Antônio Baldi Fávero (agora como vice-ecônomo) e funcionários da Cúria Metropolitana.

Após realizar a profissão de fé e o juramento de fidelidade, Pe. Elpídio agradeceu a confiança de Dom Gil e demonstrou muita vontade de aprender e trabalhar nesta nova função. Ele está substituindo o atual vice-ecônomo, que irá auxiliá-lo durante alguns meses, na fase de transição.

No encerramento, a assessora de comunicação da Arquidiocese, Érica Duque, fez a leitura de uma mensagem para os Padres Elpídio e Luis Antônio, em nome de todos os funcionários. Em seguida, houve uma breve confraternização entre todos os presentes.

Além da função de ecônomo, Pe. Elpídio também assumiu a Paróquia Nossa Senhora da Glória,

em Simão Pereira - MG. O sacerdote atuou durante seis anos na Paróquia São Sebastião, em Santos Dumont - MG. Mesmo não tendo feito nenhuma menção sobre sua posse, segundo o secretário da referida paróquia, José Geraldo Lucas, mais de 300 pessoas o acompanharam e se emocionaram com a mudança. E como já havia sido bastante recomendado pelo próprio Pe. Elpídio, todos estão acolhendo com muita alegria o novo pároco, Pe. Antônio Eduardo Dias da Silva.



Posse em Simão Pereira
Foto: Vera Lúcia M. Carmo

Nota da CNBB a respeito da decisão do Supremo Tribunal Federal quanto à união de pessoas do mesmo sexo

Nós, Bispos do Brasil em Assembleia Geral, nos dias 4 a 13 de maio, reunidos na casa da nossa Mãe, Nossa Senhora Aparecida, dirigimo-nos a todos os fiéis e pessoas de boa vontade para reafirmar o princípio da instituição familiar e esclarecer a respeito da união estável entre pessoas do mesmo sexo. Saudamos todas as famílias do nosso País e as encorajamos a viver fiel e alegremente a sua missão. Tão grande é a importância da família, que toda a sociedade tem nela a sua base vital. Por isso é possível fazer do mundo uma grande família.

A diferença sexual é originária e não mero produto de uma opção cultural. O matrimônio natural entre o homem e a mulher bem como a família monogâmica constituem um princípio fundamental do Direito Natural. As Sagradas Escrituras, por sua vez, revelam que Deus criou o homem e a mulher à sua imagem e semelhança e os destinou a ser uma só carne (cf. Gn 1,27; 2,24). Assim, a família é o âmbito adequado para a plena realização humana, o desenvolvimento

das diversas gerações e constitui o maior bem das pessoas.

As pessoas que sentem atração sexual exclusiva ou predominante pelo mesmo sexo são merecedoras de respeito e consideração. Repudiamos todo tipo de discriminação e violência que fere sua dignidade de pessoa humana (cf. *Catecismo da Igreja Católica*, nn. 2357-2358).

As uniões estáveis entre pessoas do mesmo sexo recebem agora em nosso País reconhecimento do Estado. Tais uniões não podem ser equiparadas à família, que se fundamenta no consentimento matrimonial, na complementaridade e na reciprocidade entre um homem e uma mulher, abertos à procriação e educação dos filhos. Equiparar as uniões entre pessoas do mesmo sexo à família descaracteriza a sua identidade e ameaça a estabilidade da mesma. É um fato real que a família é um recurso humano e social incomparável, além de ser também uma grande benfeitora da humanidade. Ela favorece a integração de todas as gerações, dá amparo aos doentes e idosos, socorre os desempregados e pessoas portadoras de

deficiência. Portanto têm o direito de ser valorizada e protegida pelo Estado.

É atribuição do Congresso Nacional propor e votar leis, cabendo ao governo garanti-las. Preocupa-nos ver os poderes constituídos ultrapassarem os limites de sua competência, como aconteceu com a recente decisão do Supremo Tribunal Federal. Não é a primeira vez que no Brasil acontecem conflitos dessa natureza que comprometem a ética na política.

A instituição familiar corresponde ao desígnio de Deus e é tão fundamental para a pessoa que o Senhor elevou o Matrimônio à dignidade de Sacramento. Assim, motivados pelo Documento de Aparecida, propomo-nos a renovar o nosso empenho por uma Pastoral Familiar intensa e vigorosa.

Jesus Cristo Ressuscitado, fonte de Vida e Senhor da história, que nasceu, cresceu e viveu na Sagrada Família de Nazaré, pela intercessão da Virgem Maria e de São José, seu esposo, ilumine o povo brasileiro e seus governantes no compromisso pela promoção e defesa da família.

Aparecida, 11 de maio de 2011

Dom Geraldo Lyrio Rocha
Presidente da CNBB

Dom Luiz Soares Vieira
Vice-Presidente da CNBB

Dom Dimas Lara Barbosa
Secretário Geral da CNBB

Dom Othon Motta

Primeiro Bispo Auxiliar de Juiz de Fora

Colaboração: Arquivo Arquidiocesano

O primeiro Bispo Auxiliar de Juiz de Fora, Dom Othon Motta, era carioca, nascido em 12 de maio de 1913. Era filho do senhor Francisco Basílio da Motta e da senhora Francelina Motta. Em 31 de março de 1925, ainda menino, ingressou no Seminário Arquidiocesano do Rio de Janeiro, concluindo os estudos em 1935, no Seminário Central do Ipiranga, no estado de São Paulo. Em 12 de janeiro de 1936, recebeu sua ordenação presbiteral e assumiu o posto de professor em várias disciplinas no Seminário São José, no Rio Comprido, onde também exerceu a função

imposição das mãos do Cardeal Dom Jaime Câmara, então Arcebispo de São Sebastião do Rio de Janeiro. Trabalhou na Diocese de Juiz de Fora até 1957. Foi recebido pelo Clero e pelos fiéis juizforanos com muito carinho, em função de uma das maiores qualidades de sua pessoa: a bondade. O jornal "O Lâmpadário" publicou uma matéria especial no dia 02 de abril de 1953, em sua edição de nº 1.389, dando as boas vindas ao novo Bispo Auxiliar da Diocese, com os seguintes dizeres: "Ser-me ia difícil condensar em poucas linhas a vida de Dom Motta, que é toda dedicada a Nosso Senhor

de Dom Inocêncio, na Diocese da Campanha, sul de Minas Gerais, com direito à sucessão. Mudou-se definitivamente para a cidade em 15 de setembro daquele ano, dedicando seus últimos 26 anos de vida àquela Diocese.

Na cerimônia em que o Bispo de Campanha apresentava seu Coadjuutor ao clero e também aos fiéis, Dom Inocêncio proferiu as seguintes palavras: "Escolha feliz, indicação abençoada... De coração em festa... a Diocese o recebe. Competente, modesto e afável, Professor Emérito, Diretor Espiritual piedoso, compreensível, acessível, amigo de todos" (trecho retirado do site oficial da Diocese de Campanha).

Dom Othon assumiu a Diocese de Campanha aos 47 anos de idade, em 16 de maio de 1960. Permaneceu à frente da Diocese por 22 anos, tendo resignado em 16 de janeiro de 1982, tornando-se emérito com apenas 68 anos de idade, por solicitação pessoal ao Papa Paulo VI. Com tamanha dedicação a Deus, Dom Othon demonstrou ser um verdadeiro discípulo de Cristo. Realizou várias visitas pastorais na Diocese de Campanha, estimulando a caridade evangélica ao próximo e a devoção a Nossa Senhora.



Dom Othon Motta

Fotografia cedida pelo Arquivo Arquidiocesano

Segundo testemunhos de pessoas que o conheceram, e com ele conviveram, Dom Othon se destacava pela boa preparação de seus discursos, palestras e exortações, sempre baseando-os na Bíblia, da qual ele era profundo conhecedor e na vida dos santos, literatura que muito lhe agradava, ficando evidente sua exemplar vida interior, seu amor pela Palavra de Deus e sua amorosa devoção à Igreja.

Dom Othon sofria, porém, da doença de Parkinson, que progredia cada vez mais. Em razão desta enfermidade, o Bispo Diocesano de Campanha recebeu especial apoio de

Dom Antônio Afonso de Miranda, que assumiu a função de Administrador Apostólico da Diocese em 06 de outubro de 1976, permanecendo até 1981, quando recebeu a nomeação de Bispo Diocesano de Taubaté e de Dom José D'Ángelo Neto, então Arcebispo Metropolitano de Pouso Alegre, que assumiu a mesma função de Dom Antônio Afonso na Diocese de Campanha até 1984.

Dom Othon Motta faleceu aos 72 anos, em 03 de janeiro de 1985. Foi sepultado na cripta da Catedral de Campanha. Seu lema era "In vinculis caritatis" - "nos vínculos da caridade" (Oséias 11,04).



Dom Othon Motta

Fotografia cedida pelo Arquivo Arquidiocesano

de Diretor Espiritual durante muitos anos.

Em 13 de junho de 1942, passou a integrar o Cabido Metropolitano do Rio de Janeiro, onde desempenhava a função de Penitenciário Mór. Aos 10 de março de 1953, quando contava com 39 anos de idade, após ter sido honrado com o título de Cônego do Venerável Cabido do Rio de Janeiro, foi nomeado pelo Papa Pio XII, para Bispo Auxiliar de Dom Justino José de Santana, na então Diocese de Juiz de Fora. Naquele mesmo ano, dois meses depois, Dom Othon foi ordenado Bispo, em 24 de maio, por

Jesus Cristo. Conheçê-emos melhor no decorrer dos anos, quando no desempenho do seu múnus pastoral. Com o Pastor da Diocese, Dom Justino, estamos todos exultantes pela acertada escolha de Monsenhor Motta para nosso Bispo Auxiliar. Que Deus o conserve." O texto era de autoria do Padre João Baptista Adário.

Tempos depois, Dom Othon Motta foi nomeado Bispo Auxiliar de Dom Jaime Câmara, no Rio de Janeiro, onde exerceu seu ministério episcopal por dois anos. Em 30 de maio de 1959, foi nomeado Bispo Coadjuutor



Dom Othon Motta e o Clero da Diocese de Juiz de Fora à época
Fotografia cedida pelo Arquivo Arquidiocesano